

Cancelamento de exaustividade em sentenças focalizadas: um estudo experimental*

Cancellation of exhaustivity in focused sentences: an experimental study

Fernanda Rosa da Silva**, Luciana Sanchez Mendes***

RESUMO

Este artigo tem como objetivo investigar a possibilidade de cancelamento de inferências de exaustividade em sentenças focalizadas do português brasileiro (PB). Van Rooij (2010), Menuzzi (2012), entre outros, afirmam que sentenças focalizadas apresentam uma implicatura de exaustividade. Rosa-Silva (2017) aponta que tanto sentenças com foco deslocado para a periferia esquerda quanto sentenças canônicas, sem foco deslocado, possuem inferência de exaustividade. Dado que ambas permitem cancelamento contextual, assume-se que sejam implicaturas. Entretanto, Rosa-Silva sugere que haja uma gradação no nível de aceitação de cancelamento de implicaturas nessas sentenças. Segundo a autora, sentenças com deslocamento apresentariam uma dificuldade maior de cancelamento da exaustividade, se comparadas com sentenças canônicas. Partindo do trabalho de Rosa-Silva e considerando que a autora se baseou em sua intuição para formular tais afirmações, a proposta desta pesquisa é, através de realização de um experimento, coletar dados para investigar se a estrutura sentencial das sentenças focalizadas de fato interfere nos níveis de aceitação do cancelamento da implicatura de exaustividade. O experimento consistiu em um questionário off-line, com utilização da plataforma Google Forms, a fim de verificar o grau de aceitação do cancelamento de exaustividade, tanto de sentenças com foco deslocado quanto de sentenças sem deslocamento. Os resultados obtidos mostraram que: (i) o nível de aceitação do cancelamento da implicatura de exaustividade é gradual em sentenças com sintagmas focalizados e é dependente da posição do constituinte; (ii) sentenças com foco deslocado apresentaram um maior nível de aceitação do cancelamento de exaustividade do que as sentenças sem deslocamento. Tais constatações indicam que as previsões apontadas em Rosa-Silva (2017) estão parcialmente corretas: quanto à gradação da implicatura de exaustividade, a previsão se confirma. Entretanto, diferentemente da sugestão da autora, sentenças com deslocamento de foco apresentam maior aceitabilidade do que as sentenças sem deslocamento.

Palavras-chave: deslocamento de foco, exaustividade, implicatura.

* Agradecemos aos participantes do *12th Workshop on Formal Linguistics*, ocorrido entre 19 e 23 de novembro de 2018 na Universidade Federal do Paraná, pelas valiosas contribuições apresentadas na ocasião. Tais contribuições foram consideradas na elaboração do presente artigo, que é fruto do trabalho apresentado naquele workshop. *Cada comentário ou sugestão foi de extrema importância para o aprimoramento de nossa pesquisa.*

** Centro Universitário Fundação Santo André (CUFSA)

*** Universidade Federal Fluminense (UFF)

ABSTRACT

This article investigates the possibility of canceling exhaustivity inferences in focused sentences in Brazilian Portuguese (PB). Van Rooij (2010), Menuzzi (2012) among others, claim that focused sentences present an implicature of exhaustivity. Rosa-Silva (2017) points out that both sentences with and without a focus dislocated to the left periphery have an exhaustivity inference. Given that both allow contextual cancellation, they are assumed to be implicatures. However, Rosa-Silva suggests that there would be a gradation in the level of acceptance of cancellation of implicatures in these sentences. According to the author, sentences with displacement would present a greater difficulty in the cancellation of exhaustivity, if compared with canonical sentences. Based on Rosa-Silva's work and considering that the author relied on her intuition to formulate such statements, the proposal of this research is to collect data through an experiment to investigate whether the sentence structure of the focused sentences interferes with the levels of acceptance of the cancellation of the implicature of exhaustivity. The experiment consisted of an offline questionnaire, using the Google Forms platform, in order to verify the degree of acceptance of the cancellation of exhaustivity. The results obtained showed that: (i) the level of acceptance of cancellation of the exhaustivity implicature is gradual in sentences with focused phrases and is dependent on the position of the constituent; (ii) dislocated sentences presented a higher level of acceptance of exhaustivity cancellation than sentences without it. These findings indicate that the predictions pointed out in Rosa-Silva (2017) are partially correct: regarding the gradation of the implicature of exhaustivity, the prediction is confirmed. However, unlike the author's suggestion, sentences with focus dislocation were more accepted than sentences without it.

Keywords: focus dislocation, exhaustivity, implicature.

O presente artigo tem como objetivo analisar as inferências de exaustividade em sentenças do português brasileiro, doravante PB, que apresentem sintagmas com marcação prosódica de foco, tanto em sua posição canônica quanto deslocado,¹ para a periferia esquerda da sentença. Em PB, sentenças com sintagmas focalizados possuem implicatura de exaustividade (VAN ROOIJ, 2010; MENUZZI, 2012). As respostas abaixo, tanto da sentença canônica (1)B quanto da sentença com foco deslocado (2)B, apresentam inferência de exaustividade, visto que sua interpretação é de que a Maria, e ninguém mais, foi convidada pelo João.²

1 Optamos por não usar o termo *foco in situ*, já que existe na literatura uma ampla discussão sobre a posição do foco, mesmo aquele que em sua estrutura superficial encontra-se em sua posição canônica. Muitos autores, como Belletti (2004) e Miotto (2003), defendem que o *foco in situ* se encontra sintaticamente posicionado na periferia esquerda de vP. Como essa discussão não está no escopo de nossa pesquisa, adotamos a distinção *foco deslocado* x *foco não deslocado*.

2 A inferência de exaustividade pode estar relacionada a um movimento de constituinte na estrutura interna da sentença, como defendem autores como Belletti (2004), e Quarezemin e Tescari Neto (2015). Entretanto, nossa pesquisa, apesar de envolver os fenômenos sintáticos, tem como objetivo central investigar as questões semânticas e pragmáticas que ocorrem em contextos de deslocamento de foco.

(1) A: Quem o João convidou pra festa?³

B: O João convidou A MARIA.

(2) A: Quem o João convidou pra festa?

B: A MARIA₁, o João convidou t₁.

Entretanto, a possibilidade de continuação das respostas (1)B e (2)B indica a negação dessa inferência.

(3) A: Quem o João convidou pra festa?

B: O João convidou A MARIA. *E também a Ana e o Pedro.*

(4) A: Quem o João convidou pra festa?

B: A MARIA₁, o João convidou t₁. *E também a Ana e o Pedro*⁴.

A possibilidade de cancelamento indica que a exaustividade nesses casos é uma implicatura conversacional. Segundo Grice (1975), respostas que apresentam informações implícitas que não são ditas, mas que podem ser recuperadas a partir do contexto, são denominadas de “implicatura conversacional”. O autor defende que há um princípio de cooperação presente em praticamente todas as conversações que tenham como propósito trocar informações. Esse princípio consiste na ideia de que o falante, direta ou indiretamente, tem pretensões de cooperar com o bom andamento da conversa da qual é participante. Se o falante não responde totalmente ao que é perguntado, ele indica que há informações implícitas nessa declaração que o ouvinte, envolvido em determinando contexto, é capaz de interpretar. Essas informações implícitas são denominadas por Grice de implicaturas.

Uma implicatura conversacional, de acordo com o autor, pode ser particularizada ou generalizada. A implicatura particularizada é altamente dependente do contexto, de tal forma que a interpretação ocorre apenas em determinada situação específica. É o caso do exemplo a seguir:

(5) A: Você acha a Maria bonita?

B: Ah, ela se veste bem.

No diálogo acima, o falante A quer saber a opinião de B sobre a beleza de Maria. B, por sua vez, dá uma informação diferente da perguntada. Há uma implicatura de que B acha Maria feia, porém não disse isso explicitamente por algum motivo.

3 Kiss (1998) defende que, em inglês, a exaustividade ocorre apenas em sentenças clivadas e não em contextos de pergunta-resposta. Entretanto, assumimos – com autores como Menuzzi (2012); Onea e Beaver (2014); Pfeil, Genzel e Kügler (2015); e Van Rooij (2010) – que exaustividade pode estar presente em outras estruturas, além das clivadas.

4 Um dos pareceristas ressaltou que, a partir de seu julgamento, a construção acima não é aceitável. A pesquisa tem justamente como objetivo mostrar a gradação de aceitabilidade em contextos como esse. O experimento mostrou que há uma variação entre o julgamento dos falantes no que diz respeito a construções como esta.

Essa implicatura só é válida em um contexto como o apresentado. A sentença “Ela se veste bem”, em outro contexto, pode apresentar apenas seu significado literal. Por esse motivo, implicaturas como a gerada no diálogo acima são chamadas por Grice de implicaturas conversacionais particularizadas.

As implicaturas conversacionais generalizadas são menos dependentes do contexto e podem ocorrer sistematicamente em diversas situações. Um exemplo de implicatura conversacional generalizada são as chamadas implicaturas escalares (HORN, 1972; GAZDAR, 1979; LEVINSON, 2000). A sentença abaixo apresenta uma implicatura desse tipo.

- (6) A: Alguns alunos foram pra festa.
+> Nem todos os alunos foram pra festa.

A sentença (6)A semanticamente pode aceitar a interpretação de que “todos os alunos foram pra festa”, já que logicamente, “todos N” acarreta “alguns N”. Entretanto, a primeira interpretação que surge é de que alguns, mas nem todos, foram para a festa. Usamos o símbolo +> para indicar a implicatura. Essa interpretação, no entanto, pode ser cancelada por uma continuação da sentença.

- (7) A: Alguns alunos foram pra festa. *Na verdade, todos foram pra festa.*

A possibilidade de cancelamento indica que essa interpretação não faz parte da semântica do quantificador *alguns*, mas é uma implicatura conversacional. Entretanto, como tal interpretação ocorre sistematicamente em todos os casos em que apareça esse quantificador existencial, trata-se de uma implicatura conversacional generalizada.

No caso de exaustividade em sentenças focalizadas, assumimos que tal inferência seja uma implicatura conversacional generalizada porque, embora possa ser cancelada pelo contexto, ela ocorre sistematicamente em situações nas quais o constituinte apresenta função informacional de foco. Rosa-Silva (2017) indica que o cancelamento da exaustividade em contextos como os dados acima em (3) e (4) apresenta variação. Embora o cancelamento da exaustividade seja possível tanto em sentenças com foco deslocado quanto em sentenças sem deslocamento, a autora aponta que, em sentenças com foco deslocado, como em 4(B), o cancelamento da implicatura de exaustividade seria mais difícil do que em contextos que apresentam sentenças sem deslocamento do constituinte focalizado, como em 3(B). Tal sugestão foi baseada na intuição da autora, que deixou a questão em aberto para novas pesquisas.

O objetivo do presente artigo é verificar a validade dessa hipótese por meio de uma coleta de dados controlada, utilizando ferramentas da linguística experimental. Mais precisamente, busca-se responder às seguintes perguntas: (i) existem níveis graduáveis de cancelamento da implicatura de exaustividade em sentenças com sintagmas focalizados? (ii) essa diferença está relacionada à estrutura sintática da

sentença (foco não deslocado ou foco deslocado)?; (iii) contextos que apresentam sentenças com constituinte focalizado deslocado apresentam maior restrição para o cancelamento da implicatura de exaustividade?

Para apresentar as respostas a essas perguntas, o artigo está organizado da seguinte forma: na seção seguinte, 2, serão apresentadas as propostas teóricas adotadas na presente pesquisa no que diz respeito aos conceitos de foco, exaustividade e deslocamento. Na seção 3, será detalhado o experimento: seu desenho, condições, variáveis, participantes, resultados e discussão dos dados. Por fim, em 4, serão apresentadas as discussões dos resultados e as conclusões da presente pesquisa.

2. FOCO, DESLOCAMENTO E EXAUSTIVIDADE

2.1 Foco como um conjunto de alternativas

Assume-se, nesse artigo, que um sintagma focalizado é aquele que apresenta uma marcação prosódica peculiar e pode ser identificado pelo par questão/resposta, conforme exemplificado a seguir. Ao sintagma que representa a informação solicitada pela pergunta, dá-se o nome de foco.

(8) A: Quem o João convidou pra festa?

B: O João convidou A MARIA.

(9) A: Quem convidou a Maria pra festa?

B: O JOÃO convidou (a Maria).⁵

Nos diálogos acima, podemos comparar as diferentes estruturas da informação que foram desencadeadas a partir da pergunta (cf. ROBERTS, 1996)⁶. Em (8), o sintagma 'a Maria', destacado em caixa alta, tem a função informacional de foco, já que é o elemento que representa a informação requisitada pela pergunta, e recebe uma marcação prosódica de acento descendente (cf. PIERREHUMBERT; HIRSCHBERG, 1990, para o inglês; ILARI, 1992, e CAGLIARI, 1980, para o português brasileiro). Por outro lado, em (9), o elemento que representa o foco é 'o João'.

5 O constituinte 'a Maria' está entre parênteses para indicar a sua possibilidade de omissão na sentença.

6 Segundo Roberts (1996), estrutura informacional é uma propriedade universal do discurso humano, não dependente exclusivamente de uma estrutura sintática específica. É a relação que se estabelece entre elementos do discurso como tópico e foco, a partir da prosódia, morfologia, sintaxe, ou de sua combinação, de acordo com cada língua particular, que pode apresentar padrões distintos de organização e marcação desses elementos. Seguindo Carlson (1983), Roberts (1996) assume que todo discurso é organizado em relação a perguntas e respostas, sejam elas implícitas ou explícitas. Segundo a autora, o objetivo maior em um discurso é responder às questões que o estruturam. Os participantes que se engajam em uma conversa primeiramente aceitam a questão mais imediata que está em discussão, a qual Roberts chama de questão sob discussão (QUD), e tendem a buscar uma resposta para ela. Para responder à QUD, o falante faz uso de certas estratégias, que variam entre responder parcialmente ou completamente a uma pergunta. Ainda, o falante pode optar por dar uma resposta explícita ou direta, ou responder implicitamente.

Para Rooth (1995), a marcação prosódica de foco evoca um conjunto de alternativas contextualmente relevantes. Dessa forma, o falante teria à disposição um conjunto de asserções das quais faria a escolha para a resposta. Assim, cada um dos diálogos acima desencadeia um conjunto de alternativas distinto.

Para calcular as alternativas de foco, Rooth (1995) define o valor de foco. Segundo o autor, as sentenças apresentam, além de seu valor ordinário, um valor de foco. Considerando o contexto (8), acima, o valor de foco da sentença (8)B é o conjunto de alternativas contextualmente relevantes para a resposta à pergunta (8) A. As representações do valor ordinário e de foco de (8)B são apresentadas abaixo, considerando um contexto em que os indivíduos disponíveis no discurso sejam: Maria, Ana, Roberta, João, Pedro, Beto. Em seguida, são apresentados os valores ordinário e de foco para (9)B, para efeitos de comparação.

$$(10) [[[(8)B]]^0 = \text{convidar}(m)(j)$$

$$(11) [[[(8)B]]^f = \{\text{O João convidou a Maria, O João convidou a Ana, O João convidou a Roberta, O João convidou o Pedro, O João convidou o Beto}\}$$

$$(12) [[[(9)B]]^0 = \text{convidar}(m)(j)$$

$$(13) [[[(9)B]]^f = \{\text{O João convidou a Maria, A Ana convidou a Maria, A Roberta convidou a Maria, O Pedro convidou a Maria, O Beto convidou a Maria}\}$$

160

Nota-se que os valores ordinários de (8)B e de (9)B são idênticos. Eles possuem a mesma forma lógica, representada em (10) e (12), respectivamente⁷. Dessa forma, assumimos nesse artigo que a estrutura informacional das sentenças não altera as suas condições de verdade. Entretanto, os valores de foco das sentenças (8)B e (9)B são distintos. Como os conjuntos de proposições são evocados a partir da marcação de foco, as alternativas são diferentes para cada contexto. Para o diálogo em (8), uma vez que a pergunta inquirir sobre o objeto, o conjunto de alternativas, representado por (11), apresenta proposições com o mesmo sujeito e objetos diferentes. Por outro lado, o conjunto de alternativas evocado por (9), e representado em (13), em que a pergunta é sobre o sujeito, possui proposições com o mesmo objeto e sujeitos diferentes. Essa comparação demonstra que sentenças com valores semânticos ordinários idênticos podem apresentar valores de foco distintos. Esta distinção se dará a partir da pergunta dada explícita ou implicitamente pelo contexto e, conseqüentemente, pela marcação prosódica atribuída à sentença resposta.

As respostas, tanto para (8) quanto para (9), são adequadas para as perguntas dadas. Essa relação de adequação entre a pergunta colocada no contexto e a resposta é definida na literatura por congruência (cf. ROOTH, 1995; ROBERTS, 1996; e BÜRING, 1999, 2003). Tal congruência está relacionada à semântica da pergunta

⁷ As formas lógicas estão sendo apresentadas de forma bastante reduzida. Por questões de simplificação, não estão sendo consideradas as informações eventivas de tempo, aspecto e modo.

dada. Uma resposta é congruente a uma questão se o conjunto de alternativas de foco da resposta equivale ao valor ordinário da pergunta (cf. HAMBLIN, 1973). Para Hamblin (1973), o valor ordinário de uma pergunta denota um conjunto de proposições relativas a possíveis respostas para tal pergunta. Os valores ordinários das perguntas dadas acima são representados abaixo, levando-se em conta que os mesmos indivíduos estejam disponíveis no contexto.

(14) [[Quem o João convidou?]]⁰

(15) {O João convidou a Maria, O João convidou a Ana, O João convidou a Roberta, O João convidou o Pedro, O João convidou o Beto}

(16) [[Quem convidou a Maria?]]⁰

(17) {O João convidou a Maria, A Ana convidou a Maria, A Roberta convidou a Maria, O Pedro convidou a Maria, O Beto convidou a Maria}

As perguntas acima têm sua denotação semântica formada por um conjunto de alternativas contextualmente relevantes. Podemos observar que o conjunto de alternativas representado em (15) corresponde ao conjunto de alternativas de foco dado em (11), assim como o conjunto de alternativas de (17) corresponde a (13). Essa equivalência está relacionada à noção de congruência. Uma resposta é congruente em um contexto apenas se o conjunto de alternativas de foco da resposta equivale ao conjunto de alternativas da pergunta.

A proposta semântica de foco oferecida em Rooth (1995), assim como a semântica de alternativas de Hamblin (1973), serão adotadas neste artigo e servirão como ponto de partida para a análise dos fenômenos de deslocamento, objeto principal deste estudo.

2.2 Foco e exaustividade

Uma noção que tradicionalmente é associada a sintagmas focalizados, no que diz respeito às características semânticas, é a exaustividade, quando, com exceção da alternativa assertada, todas as outras são negadas. A exaustividade, segundo Sainz-Maza Lecanda (2017), pode ser um componente semântico ou pragmático de uma construção.

É importante ressaltar que há uma discussão bastante aprofundada sobre essa questão em outras línguas e não há uma proposta única para o fenômeno, tanto em sentenças com marcação de foco quanto em outras construções que apresentam essa propriedade, como as clivadas. Horn (1981), por exemplo, defende que a inferência de exaustividade em sentenças clivadas do inglês é uma implicatura conversacional generalizada. Já Wedgwood (2005) e Wedgwood *et al.* (2006) propõem que a exaustividade seja uma pressuposição nesses casos. Pavlou (2015),

por sua vez, defende que, nas línguas naturais em geral, as sentenças focalizadas apresentam pelo menos algum grau de exaustividade.

Para o português brasileiro, Menuzzi (2012) defende que, em contextos com sentenças clivadas, a noção de exaustividade é obrigatória, conforme ilustrado abaixo.

(18) A: Quem convidou a Maria?

B: Foi O JOÃO que convidou a Maria.

(19) [[[18)B]]]^f = {O João convidou a Maria, ~~A Ana convidou a Maria, A Roberta convidou a Maria, O Pedro convidou a Maria, O Marcos convidou a Maria~~}

O contexto acima é exaustivo já que, ao afirmar que ‘Foi o João que convidou a Maria’, o falante nega todas as demais alternativas, indicando que a propriedade de ‘x convidar a Maria’ é exclusiva para o indivíduo ‘o João’. Menuzzi (2012) sugere que a exaustividade nesses casos pode ser uma pressuposição em português, já que ela não poderia ser cancelada, segundo o autor.

O exemplo abaixo, por outro lado, ilustra um contexto no qual mais uma alternativa, além da alternativa sobre ‘o João’, é assertada:

(20) A: Quem convidou a Maria?

B: Foi O JOÃO que convidou a Maria. *E o Pedro também convidou.*

162

Apesar de a resposta acima não ser a mais natural, ela não parece ser totalmente inaceitável, o que indica que talvez a exaustividade em clivadas não seja necessariamente uma pressuposição. Em um trabalho posterior, Teixeira e Menuzzi (2015) argumentam que a exaustividade em clivadas envolve vários tipos de inferências que não somente pressuposição ou implicatura. Tais inferências são determinadas a partir de cada contexto.

Além das sentenças clivadas, sentenças com o operador ‘só’ também apresentam exaustividade. Entretanto, nesse caso, essa inferência parece ser semântica, inerente ao significado de tal operador. Chierchia, Fox e Spector (2012) defendem que ‘only’ possui um operador silencioso de exaustividade. Ou seja, os autores defendem que, em sentenças com ‘only’ em inglês, exaustividade é um acarretamento. Na mesma linha, Beaver e Clark (2003) apontam que ‘only’ é um quantificador universal e é sensível ao foco. Segundo os autores, o sintagma ‘only-DP’ apresenta um foco gramatical, já que possui uma marcação de foco lexicalizada. Essa operação de foco está, portanto, relacionada à noção de exaustividade inerente ao sintagma. No que diz respeito ao PB, sentenças com o ‘só’ também acarretam exaustividade, como se pode ver abaixo:

(21) A: Alguém convidou a Maria?⁸

B: Só O JOÃO convidou a Maria. *#E o Pedro também convidou.*

A primeira sentença acima assertada por B possui uma inferência de que a propriedade de ‘convidar a Maria’ é aplicada apenas ao ‘João’. Por isso, a continuidade do discurso que apresenta outro indivíduo com a mesma propriedade é inadequada. Logo, nesse caso, uma vez que a inferência de exaustividade não pode ser cancelada, ela é um acarretamento. Esse não é um caso de pressuposição, porque a exaustividade não está presente quando a sentença é negada, como se pode observar a seguir:

(22) A: Alguém convidou a Maria?

B: Não foi só O JOÃO que convidou a Maria. *O Pedro também convidou.*

No contexto acima, a inferência de exaustividade não está presente na negação da alternativa. A continuidade do discurso, indicando que um outro indivíduo possui a mesma propriedade que o ‘João’, não apresenta nenhuma anomalia. Isso indica que exaustividade em sentenças com o operador ‘só’ em PB não é uma pressuposição, mas um acarretamento.

Uma outra construção que apresenta exaustividade em PB é aquela que apresenta foco contrastivo (MENUZZI, 2012). O exemplo abaixo ilustra essa propriedade, já que, ao responder que “o João convidou a Maria”, o falante A explicita que essa propriedade pertence à “Maria”, constringendo-a com os demais indivíduos disponíveis no contexto.

(23) A: Quem o João convidou?

B: O João convidou A MARIA.

Ao responder que ‘o João convidou a Maria’, fica implícito que a propriedade de ‘o João convidar x’ é exclusiva de ‘a Maria’, já que fica subentendido que ninguém, além da Maria, foi convidado por João. Entretanto, é possível haver um contexto no qual a exaustividade possa ser cancelada.

(24) A: Quem o João convidou?

B: O João convidou A MARIA. *E também convidou a Ana.*

No contexto acima, em (24)B, a exaustividade foi cancelada, já que o falante responde afirmativamente a uma segunda alternativa disponível, com o sintagma ‘a Ana’, depois de responder com foco a alternativa com ‘a Maria’.

8 Um dos pareceristas ressaltou que a resposta não é adequada para a pergunta sim-não. Concordamos que tal resposta não é a mais apropriada e agradecemos o apontamento. Entretanto, por termos utilizado contextos como o acima no experimento, optamos por mantê-la. Ainda, há questões pragmáticas que envolvem uma resposta como a acima, tanto que os participantes do experimento a aceitaram. Essas questões não foram exploradas no presente trabalho e podem servir de investigação em pesquisas futuras.

Especificamente nos casos de exaustividade em sentenças focalizadas, trata-se de uma implicatura conversacional generalizada. A implicatura é conversacional porque, como pudemos observar em (24)B, pode ser cancelada pelo contexto que segue. Por outro lado, essa implicatura é generalizada porque ocorre sistematicamente em todas as sentenças que apresentam foco marcado.

Resumindo, exaustividade em PB pode apresentar diversos tipos de inferência: em sentenças clivadas, podem ser implicaturas, pressuposições ou outros, enquanto, em sentenças com ‘só DP’, são uma inferência semântica. Em sentenças focalizadas, por sua vez, a exaustividade é uma implicatura conversacional generalizada. Partindo dessa caracterização, realizamos um experimento com o propósito de coletar dados que indicassem se o deslocamento poderia ser uma variável pertinente na geração da implicatura nesse tipo de sentença.

2.3 Alguns experimentos com foco, exaustividade e implicaturas

Esta seção tem como objetivo apresentar pelo menos dois trabalhos já existentes que desenvolvem experimentos e buscam investigar a relação entre noções como exaustividade, foco e implicatura.

Pfeil, Genzel e Kügler (2015) apresentam resultados de dois experimentos que exploram a relação entre foco e exaustividade em akan, língua kwa da África Ocidental. Segundo os autores, em muitas línguas africanas, o sujeito focalizado tende a ocorrer fora de sua posição sintática original, enquanto objetos focalizados, por sua vez, permanecem *in situ*. A pergunta que motivou o seu estudo experimental foi se, em akan, sujeitos focalizados permanecem *in situ* ou são deslocados de sua posição original. Sua hipótese é de que a posição do sujeito focalizado nessa língua está relacionada à inferência de exaustividade. Se o sujeito focalizado apresentar uma interpretação exaustiva, será realizado fora de sua posição original. Do contrário, permanece *in situ*. Tal proposta vai ao encontro da abordagem cartográfica, conforme Rizzi (1997) e Belletti (2004).

Em akan, segundo os autores, há uma partícula *na* que indica que o sujeito está *ex situ*. Essa marcação auxilia na identificação de sentenças com sujeito *in situ* ou deslocado. Os exemplos abaixo ilustram o seu uso. A sentença (26) apresenta o objeto focalizado *in situ*, enquanto a sentença (27) apresenta o objeto deslocado com a marca ‘*na*’.

(25)Q: Did Anum buy salty fish this morning?

(26)A1: Daabi. Anum tɔ-ɔ AMANGO anɔpa yi.
No Anum buy-PST mango morning this
‘No. Anum bought a MANGO this morning.’

(27) A2: Daabi. MANGO_i na Anum tɔ-ɔ no_i anɔpa yi.
No. mango FM Anum buy-PST3. SG.OBJ.INA morning this
'No. It is a MANGO that Anum bought this morning.'
(GENZEL; KÜGLER, 2010, p. 98, 97)

O primeiro experimento consistiu em tarefa de tradução, na qual os participantes, falantes nativos de akan e fluentes na língua inglesa, tinham a incumbência de traduzir do inglês para akan a resposta de uma determinada pergunta. Havia contextos que favoreciam a interpretação exaustiva e contextos que favoreciam a interpretação não exaustiva. Os resultados mostram que a partícula 'na' está associada a contextos exaustivos. Os participantes a colocaram em todas as situações que apresentavam exaustividade e rejeitaram as sentenças com o sintagma focalizado *in situ*. Em contextos não exaustivos, por sua vez, os falantes rejeitaram o seu uso. Além disso, o contrário também se confirmou: nenhum falante usou um sujeito *ex situ* sem a partícula 'na' em contextos exaustivos.

O segundo experimento adotou uma metodologia baseada em responder perguntas formuladas acerca de um dado estímulo visual. Os estímulos foram divididos em duas condições: contexto exaustivo e não exaustivo. Assim como no experimento anterior, os dados obtidos mostram que a preferência para realização morfossintática de sujeitos focalizados *ex situ* em akan é desencadeada pela interpretação exaustiva de foco.

Outra pesquisa experimental que trata da relação entre exaustividade e foco é a de Onea e Beaver (2014), cuja língua estudada é o húngaro. Os autores também realizaram dois experimentos para investigar a natureza da exaustividade de sintagmas focalizados em posição pré-verbal em húngaro. O primeiro experimento adotou a tarefa de julgamento de valor de verdade. Os participantes visualizavam uma imagem em que determinada ação era realizada por pelo menos duas pessoas; um exemplo é uma figura que apresenta dois garotos – Paulo e Pedro –, mostrando que os dois capturaram uma borboleta cada. O pesquisador afirmava três tipos de sentença: uma com foco pré-verbal; uma sem entonação de foco; e outra com o sintagma de foco acompanhado da partícula 'csak', que significa 'somente'. Aos participantes, eram apresentados três tipos de resposta. Seguem os exemplos de resposta adaptados para o PB, considerando uma afirmação do tipo: 'O Paulo capturou uma borboleta'.

- (28) a. Sim, e o Pedro também capturou uma borboleta.
b. Sim, mas o Pedro também capturou uma borboleta.
c. Não, o Pedro também capturou uma borboleta.

Os resultados desse primeiro experimento mostraram que os falantes aceitam mais o cancelamento da exaustividade em sentenças com foco pré-verbal do que sentenças com o operador 'csak' ('somente').

O segundo experimento consistiu em incluir uma pergunta QU após apresentar o estímulo visual, a fim de verificar a produção do participante. Os resultados foram similares ao experimento anterior, em que o cancelamento da exaustividade ocorre mais naturalmente em sentenças com foco pré-verbal. Os autores concluem, então, que exaustividade não é um acarretamento em sentenças com foco pré-verbal em húngaro, mas um fenômeno pragmático, uma implicatura convencional.

Esses são alguns dos trabalhos experimentais que buscam explorar a interação entre foco, exaustividade e ordem de palavras nas línguas naturais. Longe de esgotar o assunto, o objetivo desta seção foi mostrar que já há uma preocupação em apresentar dados experimentais para essa interação em outras línguas. Em português brasileiro, apesar de haver diversas pesquisas que investigam os fenômenos aqui relacionados, ainda há poucos trabalhos que fazem uso de técnicas experimentais para testar as hipóteses levantadas. Nesse sentido, na intenção de contribuir com as pesquisas teóricas e experimentais na área, apresentamos a seguir o resultado do experimento realizado para entender a relação entre exaustividade, foco e deslocamento em português brasileiro.

3. Experimento

a) Design experimental

O objetivo desse experimento foi verificar o grau de aceitabilidade do cancelamento da implicatura de exaustividade em sentenças com e sem deslocamento de constituintes focalizados. Rosa-Silva (2017) aponta que, tanto em sentenças com foco deslocado quanto em sentenças com foco não deslocado, há uma implicatura de exaustividade, e essa pode ser cancelada pelo contexto. Entretanto, sua previsão é de que a exaustividade apresentaria níveis diferentes de cancelabilidade dependendo da posição do constituinte focalizado: enquanto sentenças com foco não deslocado apresentariam uma maior facilidade no cancelamento da exaustividade, sentenças com foco deslocado apresentariam maior restrição nesse cancelamento.

O experimento busca, então, aferir se a implicatura de exaustividade pode ser cancelada em sentenças com e sem deslocamento do constituinte focalizado. Procura-se responder, ainda, se essa possibilidade de cancelamento é graduável dependendo da posição do elemento focalizado.

A técnica experimental utilizada foi um questionário de aceitabilidade desenvolvido na plataforma *Google Forms*. Na tarefa, os participantes foram convidados a ler um conjunto de diálogos e avaliar se a resposta era apropriada para a questão, em uma escala de 0% (menos aceitável) e 100% (mais aceitável), com

as opções 0%, 25%, 50%, 75% e 100%⁹. Como os dados foram registrados após o processamento, o experimento é classificado como *off-line*.

b) Hipóteses e previsões

Diante dos dados levantados em Rosa-Silva (2017), nossa previsão é de que a aceitação do cancelamento da implicatura de exaustividade em sentenças focalizadas seja gradual e dependente da posição do constituinte focalizado. Se a intuição de Rosa-Silva (2017) estiver correta, espera-se que as sentenças com foco deslocado apresentem uma implicatura de exaustividade mais forte e, portanto, maior resistência no seu cancelamento em comparação com sentenças sem o deslocamento.

c) Variáveis e condições

O experimento foi desenhado a partir de duas variáveis independentes: (i) a posição do sintagma focalizado (não deslocado ou deslocado); (ii) a natureza do sintagma focalizado (DP com 'só' e DP sem 'só'). Conforme visto anteriormente, os DPs acompanhados do elemento 'só' apresentam exaustividade e essa propriedade é semântica. Como esse elemento faz uma operação de selecionar apenas o DP que o acompanha, é um bom parâmetro de comparação para os contextos que apresentam implicatura de exaustividade, como os exemplos de sentenças com foco deslocado e foco não deslocado.

O design experimental de formato 2x2 apresenta, portanto, as seguintes condições:

- (29) 1. DP focalizado não deslocado
2. DP focalizado deslocado
3. 'só DP' não deslocado
4. 'só DP' deslocado

A distribuição dos participantes foi *between subjects*. Isso quer dizer que foram distribuídos em 4 grupos diferentes entre as condições, de forma que cada participante lia somente as sentenças de uma das 4 condições.

(30) Pergunta: A: Quem o João levou pra festa?

Respostas:

1: DP focalizado não deslocado.

B: O João levou a Maria. *E também a Ana e o Paulo.*

2: DP focalizado deslocado

B: A Maria, o João levou. *E também a Ana e o Paulo.*

⁹ Optamos por utilizar uma escala de percentual por acreditar que fosse mais intuitivo para os participantes. Ela é uma mera transposição das tradicionais escalas de Likert utilizadas em experimentos em linguística.

3: ‘só DP’ não deslocado¹⁰

B: O João levou só a Maria. *E também a Ana e o Paulo.*

4: ‘só DP’ deslocado,

B: Só a Maria, o João levou. *E também a Ana e o Paulo.*

As variáveis dependentes no experimento foram relacionadas à nota dada pelos participantes (0%, 25%, 50%, 75%, 100%), considerando o nível de aceitabilidade atribuído relativamente a cada condição.

d) Participantes

Para a realização do experimento, foram considerados 29 participantes para cada grupo, perfazendo um total de 116 indivíduos. Um participante do grupo 1 e dois participantes do grupo 2 foram eliminados, pois responderam a 5 opções ou mais com 100% para distratores negativas, em que se esperava a não aceitabilidade do participante.

Os participantes são todos alunos de Letras da Universidade Federal Fluminense (Niterói/RJ), com idade de 18 a 50 anos, 69% mulheres e 31% homens, em sua maioria residentes do estado do Rio de Janeiro. Os alunos participaram voluntariamente e receberam um certificado de participação emitido pelo GEPEX.¹¹

e) Materiais

168 O experimento foi composto por 5 diálogos experimentais para cada grupo, sendo que cada sujeito poderia emitir 5 julgamentos para cada condição experimental. Cada diálogo experimental era composto por uma pergunta e uma resposta. A resposta continha uma continuidade que indicava quebra de exaustividade, como pode ser observado no diálogo a seguir:

(31) A: Quem o João levou pra festa?

B: O João levou a Maria. *E também a Ana e o Paulo.*

Além dos diálogos experimentais, para cada grupo foram incluídos 15 diálogos distratores, sendo estes divididos em diálogos inadequados – em que se espera uma nota baixa atribuída pelo participante – e adequados – em que se espera uma boa aceitação por parte dos participantes. No total, foram 20 diálogos experimentais e 60 diálogos distratores, sendo 30 apropriados e 30 não apropriados. Nos grupos de foco deslocado e não deslocado, em que se espera um maior nível de aceitação por parte dos participantes, foram inseridos 10 diálogos inadequados e 5 adequados.

¹⁰ Nossa intuição, antes de realizar o experimento, é de que esse tipo resposta seria inaceitável para todos os participantes. Entretanto, os resultados do experimento mostraram que grande parte dos falantes consideraram aceitáveis respostas similares a essa, 38% para “só” não deslocado e 49% para “só” deslocado.

¹¹ GEPEX – Grupo de Estudos e Pesquisas em Linguística Teórica e Experimental, da Universidade Federal Fluminense.

Nos grupos de 'só DP' deslocado e não deslocado, por outro lado, compuseram o experimento 10 diálogos distratores adequados e 5 inadequados, já que se esperava uma menor aceitação dessas condições experimentais. Essa distribuição foi pensada com a preocupação de balancear o número de diálogos considerados adequados com o número de diálogos inadequados. A seguir, são dados exemplos diálogos distratores que compuseram o experimento: um diálogo distrator adequado e um diálogo distrator inadequado, respectivamente.

(32) A: Quem dançou na festa?

B: A maioria dançou. *Porque a festa estava muito animada.*

(33) A: Quem chegou mais cedo na festa?

B: Ninguém chegou mais cedo. *Só que o João dançou a noite inteira.*

O diálogo em (32) apresenta uma sequência natural de continuidade da resposta, já que, em uma situação na qual a maioria dos participantes da festa tenha dançado muito, uma causa possível seja a festa estar animada. Por outro lado, (33) apresenta um diálogo não natural, visto que o fato de ninguém chegar mais cedo não tem relação direta com o João ter dançado a noite inteira.

f) Procedimentos

Os sujeitos foram convidados, via e-mail, a participar do experimento. No corpo do e-mail, havia as orientações para a participação, bem como o link de acesso ao formulário desenvolvido na plataforma Google forms. No formulário também havia informações sobre os procedimentos necessários para a participação. Além disso, foi solicitado ao participante que respondesse a questões socioeconômicas, como grau de escolaridade, idade, local em que morou maior parte da vida e sexo¹².

Os participantes, foram, em seguida, direcionados a fazer um treinamento antes de efetivamente responder às questões experimentais. O treinamento era composto por três diálogos, sendo um inapropriado e dois apropriados. Ao fim de cada diálogo, o participante deveria atribuir uma nota de 0% a 100% à continuidade da resposta. Essa continuidade foi destacada em letras maiúsculas e repetida na tela em que o participante atribuía a nota. Esse cuidado foi tomado para voltar a atenção do participante para essa parte da resposta, já que esta configura o segmento crítico do experimento. O formato dos diálogos de treinamento é exatamente igual ao dos diálogos experimentais. O treinamento teve como objetivo familiarizar o participante com a tarefa solicitada. Em seguida, o participante dava início ao experimento, sempre respeitando a sequência de ler o diálogo (pergunta, resposta e continuidade da resposta), para, ao final de cada diálogo, atribuir a nota à continuidade da resposta. A seguir, apresentamos uma imagem do formulário, com a sequência de telas às quais o participante tinha acesso:

¹² Essas variáveis não foram utilizadas no experimento aqui apresentado, mas podem servir para pesquisas futuras.

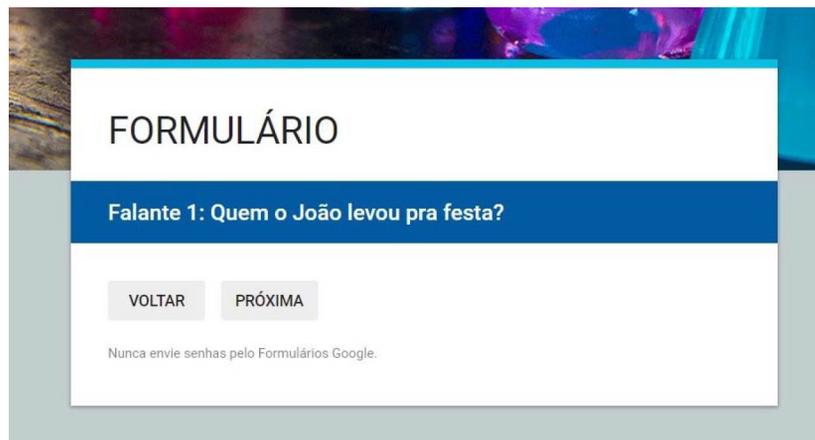


Figura 1: Pergunta do Diálogo
Fonte: elaboração própria.



Figura 2: Resposta do Diálogo
Fonte: elaboração própria.

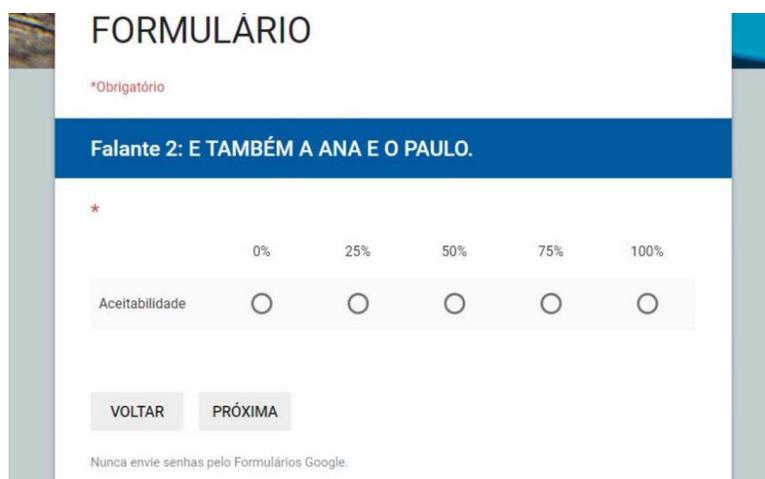


Figura 3: Continuação da Resposta do Diálogo com Avaliação de Aceitabilidade
Fonte: elaboração própria.

Após o participante atribuir a nota ao diálogo, imediatamente era direcionado ao diálogo seguinte. No total, cada participante atribuiu nota a 20 diálogos, sendo 5 experimentais e 15 distratores. Os diálogos foram apresentados de forma aleatória, com o cuidado de intercalar experimentais, distratores adequados e distratores inadequados.

g) Resultados

Os resultados do experimento foram sistematizados e os cálculos estatísticos foram executados com o programa Action Stat para Excel, versão 3.5. O teste utilizado foi o qui-quadrado (χ^2).

A primeira medida a ser considerada foi a média percentual da aceitabilidade do cancelamento da implicatura de exaustividade. Essa medida indica que a aceitabilidade de fato é gradual em sentenças com sintagmas focalizado, e a posição do sintagma focalizado parece influenciar nesse nível de aceitabilidade.

Condição	Soma	Percentual	Aceitabilidade				
			0%	25%	50%	75%	100%
FOCO NÃO DESLOCADO	11275	78%	1	19	21	26	78
FOCO DESLOCADO	11850	82%	5	6	18	32	84
SÓ' NÃO DESLOCADO	5525	38%	50	29	26	20	20
SÓ' DESLOCADO	7050	49%	34	31	23	23	34

Tabela 1: Resultado da aceitação do cancelamento da implicatura de exaustividade
Fonte: elaboração própria.

Como é possível observar na tabela, a aceitabilidade do cancelamento de exaustividade, tanto em sentenças com foco deslocado quanto em sentenças com foco não deslocado, não é categórica. Tanto uma quanto a outra construção apresentam desde os níveis mais baixos de aceitabilidade (0% e 25%) até os níveis mais altos de aceitabilidade (75% e 100%). Embora as médias percentuais sejam próximas, elas indicam que sentenças com sintagmas focalizados deslocados apresentam um maior número de aceitação do cancelamento da implicatura de exaustividade de que sentenças com sintagma de foco não deslocado.

No que diz respeito ao teste qui-quadrado, a análise de comparação de proporção de duas amostras indicou que não há diferença significativa na comparação entre a variável foco não deslocado e foco deslocado, se for considerada apenas a média percentual dos resultados. Entretanto, se considerarmos a soma geral dos resultados, o teste indica diferença significativa entre os resultados ($\chi^2=70,32$, $p < 0,05$).

O teste de aderência entre ‘só DP’ não deslocado e ‘só DP’ deslocado também indica diferença estaticamente significativa na soma geral ($\chi^2= 326,10$, $p<0,05$).

Se assumirmos que ‘só’ possui a mesma estrutura semântica que ‘only’ no inglês (cf. CHIERCHIA; FOX; SPECTOR, 2012) e que ele é um operador semântico de exaustividade, os resultados obtidos são imprevistos, já que o índice de aceitabilidade do cancelamento da exaustividade tanto das sentenças com ‘só DP’ não deslocado quanto das sentenças com ‘só DP’ deslocado deveria ser nulo ou quase nulo. Entretanto, os resultados mostram que, ainda que bem menor que os índices de aceitabilidade de sentenças com foco, o índice de aceitabilidade de sentença com ‘só’ foi considerável.

Como nosso primeiro objetivo era analisar o grau de aceitabilidade de cancelamento de exaustividade em sentenças com foco e as sentenças com ‘só’ seriam apenas sentenças controle, não buscamos uma explicação mais aprofundada para essa aceitabilidade. Acreditamos, porém, que fatores externos e pragmáticos estejam licenciando essa possibilidade: esses dados podem estar indicando que, em contextos bem elaborados, o cancelamento da exaustividade pode ser mais permissivo do que se supõe, mesmo em casos em que ela é um acarretamento. Esses fatores precisam ser mais bem explorados em pesquisas futuras.

Voltando à comparação entre os índices de aceitabilidade entre sentenças com ‘só DP’ e foco, observamos que a gradação é inversamente proporcional. Enquanto os índices altos de aceitabilidade são maiores com foco e vão diminuindo sistematicamente para as notas mais baixas, ‘só DP’ apresenta o inverso. As notas mais baixas apresentam maior índice, e a notas mais altas, menor índice.

172

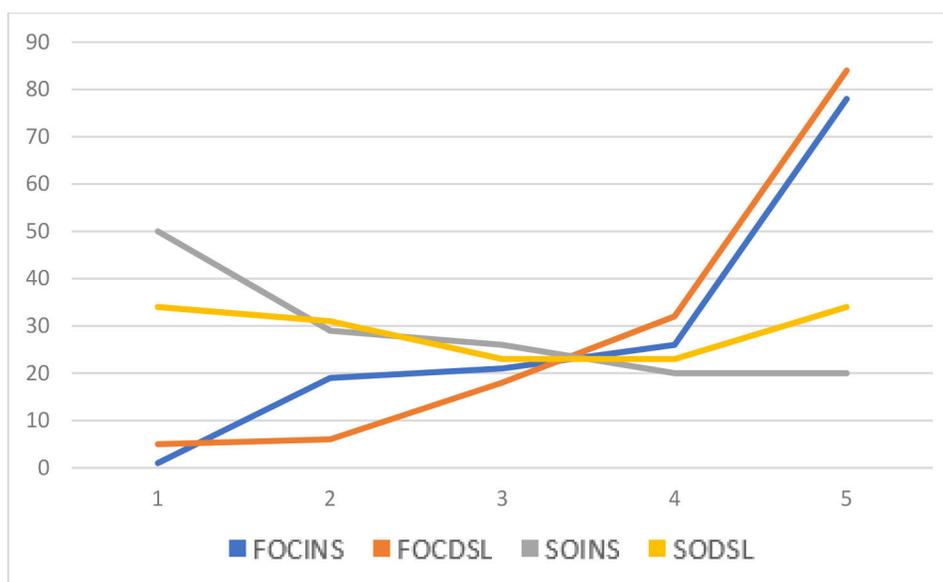


Gráfico 1: Relação foco *in situ* e deslocado x “só” *in situ* e deslocado

Fonte: elaboração própria.

4. Discussão dos Resultados e Conclusões

Segundo os dados do experimento, houve uma diferença significativa nos níveis de aceitação do cancelamento de exaustividade de sentenças com constituintes deslocados e não deslocados. Esse resultado está de acordo com a previsão inicial de Rosa-Silva (2017) de que há variação na aceitação desse tipo de cancelamento nessas sentenças, e de que a posição do constituinte focalizado é uma variável pertinente nesse índice.

No entanto, contrariando as previsões da intuição da autora, segundo o experimento, sentenças com sintagma focalizado deslocado tendem a apresentar maior aceitação do cancelamento de exaustividade do que suas correspondentes sem deslocamento. Esse resultado é contrário também à visão geral de que o deslocamento de constituintes focalizados ocorra por fatores pragmáticos como a exaustividade (cf. por exemplo, PFEIL; GENZEL; KÜGLER, 2015).

Os resultados obtidos podem ser explicados seguindo dois caminhos: (i) o desenho do experimento pode apresentar problemas e variáveis espúrias podem ter influenciado o resultado; ou (ii) a relação entre deslocamento de constituintes focalizados e interpretação exaustiva é um pouco mais complexa em português brasileiro do que se supunha. A análise dos resultados totais indica que as duas explicações em conjunto parecem pertinentes, já que o experimento mostrou que há uma regularidade entre a posição deslocada do constituinte e a maior aceitação do cancelamento de exaustividade.

Os dados com 'só' mostram que a relação entre deslocamento e cancelamento de interpretação exaustiva não pode ter sido aleatória nos dados com constituintes deslocados. Nas sentenças com constituintes com 'só', esperava-se um nível de cancelamento quase nulo, levando-se em conta o que se sabe sobre o 'only' do inglês (CHIERCHIA; FOX; SPECTOR, 2012) e o 'csak' do húngaro (ONEA; BEAVER, 2014). O nível mais alto de cancelamento da exaustividade pode ter ocorrido por interferência justamente de fatores pragmáticos que não foram controlados durante a execução do experimento. De toda forma, os resultados com 'só' reafirmam a relação entre deslocamento e cancelamento da exaustividade em português.

Esse artigo apresenta a primeira coleta de dados que faz uso da técnica experimental para investigar a relação entre foco e interpretação exaustiva. Ele mostrou que os índices de aceitação de cancelamento da exaustividade são relativamente altos, o que reafirma seu estatuto de implicatura. O experimento apontou ainda uma relação entre a posição deslocada e uma maior aceitação nesse cancelamento. Essa variável se mostrou relevante mesmo em sentenças com 'só', indicando que possa haver outros fatores pragmáticos que não foram estabelecidos nesse experimento. O trabalho sugere, portanto, que novos experimentos sejam desenhados a fim de se averiguar que fatores são esses.

Referências

- BEAVER, David; CLARK, Brady. “Always” and “Only”: Why not all Focus Sensitive Operators are Alike. *Natural Language Semantics*, v. 11, n. 4, p. 323-362, 2003.
- BELLETTI, Adriana. Aspects of the low IP area. In: RIZZI, Luigi (ed.). *The Structure of CP and IP*. Oxford: Oxford University Press, 2004. p. 16-51.
- BÜRING, Daniel. Topic. In: BOSCH, Peter; VAN DER SANDT, Rob (eds.). *Focus – Linguistic, Cognitive, and Computation Perspectives*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p. 142-165.
- BÜRING, Daniel. On D-trees, beans, and B-accent. *Linguistics & Philosophy*, v. 26, n. 5, p. 511-545, 2003.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. Entoação do Português Brasileiro. *Estudos Linguísticos*, Araraquara, n. 3, 1980.
- CARLSON, Lauri. *Dialogue Games: An approach to discourse analysis*. Dordrecht, Holanda: D. Reidel Publishing Company, 1983.
- CHIERCHIA, Gennaro; FOX, Danny; SPECTOR, Benjamin. Scalar implicature as a grammatical phenomenon. In: PORTNER, Paul; MAIENBORN, Claudia; VON HEUSINGER, Klaus (eds.). *Semantics: An international handbook of natural language meaning*. v. 3. Berlin: De Gruyter Mouton, 2012. p. 2297–2332.
- 174 GAZDAR, Gerlad. *Pragmatics, implicature, presupposition and logical form*. California: Academic Press, 1979.
- GENZEL, Susanne; KÜGLER, Frank. How to elicit semi-spontaneous focus realizations with specific tonal patterns. In: GRUBIC, Mira; GENZEL, Susanne; KÜGLER, Frank (eds.). *Linguistic Fieldnotes I: Information Structure in different African Languages (Interdisciplinary Studies on Information Structure (ISIS))*, vol. 13. Potsdam: Universitätverslag Postdam, 2010. p. 77-102.
- GRICE, Herbert Paul. Logic and conversation. In: COLE, Peter; MORGAN, Jerry (org.). *Syntax and Semantics*. Vol. 3: Speech Acts. New York: Academic Press, 1975. p. 41-58.
- HAMBLIN, Charles. Questions in Montague English. *Foundations of Language*, v. 10, p. 41-53, 1973. (Reimpresso em PARTEE, Barbara (ed.). *Montague Grammar*. Texas: University of Texas Press, 1976)
- HORN, Laurence. *On the Semantic Properties of Logical Operators in English*. Tese (Ph.D. em Linguística) – Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), Los Angeles. 1972.
- HORN, Laurence. Exhaustiveness and the semantics of clefts. In: BURKE, Victoria; PUSTEJOVSKY, James (eds.). *North Eastern Linguistic Society (NELS)*, vol. 11. Amherst: University of Massachusetts. 1981. p. 125–142.

ROSA-SILVA, F.
e SANCHES-
MENDES, L.
*Cancelamento
de exaustividade
em sentenças
focalizadas:
um estudo
experimental*

ILARI, Rodolfo. *A Perspectiva Funcional da Frase Portuguesa*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

KISS, Katalin. Identificational Focus versus Information Focus. *Language*, v. 74, n. 2, p. 245-273, 1998.

LEVINSON, Stephen. *Presumptive Meanings: The Theory of Generalized Conversational Implicature*. Cambridge, MA: MIT Press, 2000.

MENUZZI, Sérgio. Algumas observações sobre Foco, Contraste e Exaustividade. *Revista Letras*, Curitiba, n. 86, p. 95-121, jul./dez. 2012.

MIOTO, Carlos. Focalização e Quantificação. *Revista Letras*, Curitiba, n. 61, p. 169-189, 2003.

ONEA, Edgar; BEAVER, David. Hungarian focus is not exhausted. In: CORMANY, Ed; ITO, Satoshi; LUTZ, David (eds.). *Proceedings of the 19th Semantics and Linguistic Theory Conference, Semantics and Linguistic Theory (SALT), 19*, Columbus. *Anais...* Columbus: Ohio State University, p. 342-359, 2014.

PAVLOU, Natalia. Explicit and Implicit Exhaustivity in Focus. In: BROWN, Christopher; GU, Qianping; LOOS, Cornelia; MIELENS, Jason; NEVEU, Grace. *Proceedings of the 15th Texas Linguistic Society*, 15, Austin, TX. *Anais...* Austin, TX: University of Texas, p. 130-149, 2015.

PFEIL, Simone; GENZEL, Susanne; KÜGLER, Frank. Empirical investigation of focus and exhaustivity in Akan. In: BILDHAUER, Felix; GRUBIC, Mira (eds.). *Mood, Exhaustivity & Focus Marking in Non-European Languages (Interdisciplinary Studies on Information Structure)*, v. 19. Potsdam: Universitätverlag Potsdam, 2015. p. 87-109.

PIERREHUMBERT, Janet; HIRSCHBERG Julia. The meaning of intonational contours in the interpretation of discourse. In: COHEN, Philip; MORGAN, Jerry; POLLACK Martha (eds.). *Intentions in Communication*. Cambridge, MA: MIT Press, 1990. p. 271-311.

QUAREZEMIN, Sandra; TESCARI NETO, Aquiles. Da sintatização dos focos contrastivo e exaustivo em CP e das estratégias de marcação de foco. *ReVEL*, edição especial, n. 10, p. 42-77, 2015.

RIZZI, Luigi. The fine structures of left periphery. In: Haegeman, Liliane (ed.). *Elements of Grammar*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1997. p. 281-337.

ROBERTS, Craige. Information Structure in Discourse: Towards an Integrated Formal Theory of Pragmatics. In: YOON, Jae-Hak; KATHOL, Andreas (orgs.). *OSU Working Papers in Linguistics 49: Papers in Semantics*. Columbus, OH: The Ohio State University, 1996. p. 91-136.

ROOTH, Mats. Focus. In: LAPPIN, Shalom (org.). *Handbook of Contemporary Semantic Theory*. London: Blackwell, 1995. p. 271-298.

ROSA-SILVA, Fernanda. *Deslocamento de tópico e foco no português brasileiro: Uma análise semântico-pragmática*. 149 f. Tese (Doutorado em Letras/Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2017.

SAINZ-MAZA LECANDA, Lorena. *Interactions among focus, exhaustivity, and constituent order in Spanish and Basque*. Tese (Ph.D. em Linguística) – Ohio State University, Columbus, 2017.

TEIXEIRA, Mariana; MENUZZI, Sérgio. Diferentes efeitos de exaustividade em clivadas: um estudo descritivo de casos. *Alfa*, São Paulo, v. 59, n. 1, p. 59-87, 2015.

VAN ROOIJ, Robert. Topic, Focus, and Exhaustive Interpretation. In: CHUNGMIN, Lee (ed.). *Proceedings of CIL 18 workshop*, 18, Seoul. Seoul, 2010.

WEDGWOOD, Daniel. *Shifting the Focus: From Static Structures to the Dynamics of Interpretation*. Oxford: Elsevier, 2005.

WEDGWOOD, Daniel; PETHŐ, Gergely; CANN, Ronnie. *Hungarian 'focus position' and English it-clefts: the semantic underspecification of 'focus' readings*. University of Edinburgh, 2006 (manuscrito).